

O Professor do futuro não está na frente, está na gente: uma proposta de educação transdisciplinar na extensão universitária.

El profesor del futuro no está al frente, está en nosotros: una propuesta de educación transdisciplinar en la extensión universitária

Marlene Schussler D'Aroz¹
darozmarlene@gmail.com

Luiz Panhoca²

Denys Doza³

Universidade Federal do Paraná (ITCP/UFPR)
Curitiba, Brasil

Resumen

Tomando como punto de partida una reflexión sobre el profesor del futuro, este artículo tiene como objetivo iluminarlo a partir de la propuesta de educación inter y transdisciplinaria en la extensión universitaria en dos momentos: a) en el proceso formativo académico; b) en el proceso formativo en la ITCP y en la vivencia con comunidad, por alumnos becarios de diferentes áreas del conocimiento de los cursos de pregrado y posgrado. La Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares – ITCP es un programa de extensión de la Universidad Federal de Paraná, Curitiba, Brasil que actúa en conformidad con principios, como el de la complejidad e interdisciplinaridad propiciando el diálogo de saberes entre diferentes áreas del conocimiento. En este sentido se pregunta entonces ¿de qué estamos hablando cuando nos referimos a la formación de los profesores para el futuro? ¿cómo se puede formar el profesor del futuro en el programa de extensión universitaria? Se problematizan perfiles, identidades, y formación humana y social. Considerando el conocimiento y las relaciones humanas y sociales como fundamentales en la

¹ Pedagoga. Mestre. Doutora em Educação (UFPR). Professora Bolsista CNPQ do Programa de Extensão Universitária – Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal do Paraná. Tutora do Curso Extensão em Direitos Humanos (UFPR). E-mail: darozmarlene@gmail.com

² Economista. PhD. Professor Titular do Curso de Ciências Contábeis (UFPR). Coordenador do Programa de Extensão Universitária – Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares. E-mail: panhoca@ufpr.br

³ Engenheiro Ambiental. Mestre em Economia Solidária. Vice-Coordenador do Programa de Extensão Universitária – Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares. E-mail: denys@ufpr.br

formación problematizadora de las prácticas educativas, se asume la importancia de una formación que complemente a la académica. Como metodología, la formación con vista al desarrollo de actitudes y competencias interdisciplinarias denominadas vivencias. Los resultados apuntan al diálogo de saberes académico e popular intensificándose cuando ocurre la realización de actividades formativas en la ITCP y en actividades de extensión. Esa propuesta además de preparar al profesional para actuar sea en las habilidades técnicas del área de formación, sea en la docencia, fortalece la indisociabilidad entre enseñanza, investigación y extensión, posibilita mayor reflexión sobre el trabajo realizado, amplía el conocimiento, transformación de la realidad y currículo diferenciado. Es en ese sentido que creemos que el profesor del futuro no está al frente, está en nosotros y en el presente.

Palabras-clave: Educación superior, Profesor del futuro, ITCP, Extensión Universitaria.

Introdução

A educação nos últimos anos tem sido amplamente discutida e com ela, a formação do professor. Nesse sentido, a identidade e o perfil do profissional da educação passa pela avaliação complexa da sociedade acadêmica e econômica globalizada reconhecendo o valor do professor ao afirmar que, por mais que a tecnologia avance, ela não será capaz de substituir o olhar humano e suas nuances neste caso representado pelo professor.

É fato que hoje a educação e o profissional docente já não são mais vistos com o mesmo mérito de anos atrás. Assim como é fato que grande parte dos professores se detém no cumprimento da grade curricular, função de ensinar conteúdos e não na formação humana e para a reflexão. E ainda, são atribuídas ao professor responsabilidades que deveriam ser da família, da sociedade, das esferas públicas e federais. O professor atual precisa com isso, ser mais que professor, ser um samurai da educação que além de ensinar didática, deve entender de tecnologias e novas tendências pedagógicas.

Frente a uma realidade mundial globalizada, onde os estudantes têm acesso a todo tipo de informação, não há mais espaço para professores que se limitam a ensinar apenas os conteúdos da sua disciplina sem considerar como este conhecimento está ligado a outras áreas, ao contexto social e cultural, e sofre influências das mesmas. Para Becker,

A atividade da escola deve transformar-se a partir do princípio de que o aluno é um centro de atividade, e não um receptáculo vazio a ser preenchido de conteúdos,

freqüentemente sem sentido. A escola precisa transforma-se cada vez mais em laboratório, e ser cada vez menos auditório. (Becker, 2006, p. 07)

Segundo este autor, os agentes dessa transformação são, em primeiríssimo lugar, os professores. Isso demanda uma formação docente de grande envergadura. O professor precisa aprender a ensinar pela atividade do aluno. O aluno que não age sobre um conteúdo qualquer, não consegue aprender esse conteúdo, muito menos transformar sua capacidade de aprendizagem, ampliando-a. Isto é, uma escola ativa não só ajuda o aluno a aprender, mas a se desenvolver e a aumentar sua capacidade de aprender ou, como lembra Piaget (1988), a aprender a aprender. Nesse sentido, a formação do docente é fundamental.

O aprendizado inicia-se na mais tenra idade e se estende ao longo da vida. Dos anos escolares ao ingresso na universidade, o percurso é rico em conhecimentos e relações interpessoais. Nesse sentido, cabe primeiro a escola e em seguida a universidade produzir conhecimento, rever a formação de seus futuros profissionais de diferentes áreas, e dentre as funções, a docência. A metodologia é fundamental neste processo. É ela a responsável pela apreensão dos conteúdos e por isso, deve ser dinâmica, e por ser dinâmica deve frequentemente ser avaliada e inovada. Com as novas tecnologias disponíveis, as aulas expositivas já não são mais interessantes, pois os alunos podem perfeitamente acessar as redes sociais e fazer uso da forma que melhor entender (Facci, 2004). Será a tecnologia a responsável pela educação do futuro?

É um equívoco imaginar que a universidade do futuro será aquela que melhor lidar com as máquinas, pois nem tudo é tecnologia. Mais que pensar em tecnologias é preciso pensar em como articular os conhecimentos de forma a levar os acadêmicos à reflexão, ao pensamento do contexto e do complexo. Diferentes ações interdisciplinares podem levar a complexidade e a caminhos promissores, bem como, a polidisciplinaridade e a transdisciplinaridade (Morin, 2002b). Entretanto, lembra Morin, somente as disciplinas não dão conta, é preciso ir além da prática e da discussão/reflexão destas práticas.

É o caso da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares – TCP/UFPR, Programa de Extensão Universitária que atua aliando o saber popular das comunidades e o conhecimento acadêmico interdisciplinar envolvendo a participação de alunos bolsistas em diferentes níveis e áreas como: educação, arquitetura, medicina veterinária, engenharia agrônoma, biologia, zootecnia, geografia, engenharia ambiental, jornalismo, farmácia,

economia, turismo, dentre outros, orientados por professores, técnicos da UFPR e professores colaboradores internos e externos a Universidade.

O papel da ITCP e dos professores que orientam os bolsistas na extensão não é depositar conhecimentos de ordem técnica ou sobre realidades sociais das comunidades, mas sim, de proporcionar, através da relação dialógica professor-acadêmico-comunidade, comunidade-acadêmico-professor, a organização de um pensamento correto sobre ambos. Como refere Freire (1993, p. 35), “o melhor aluno não é o que disserta, ipsis, não é o que mais memorizou as fórmulas, mas sim o que percebeu a fórmula destas. (...) é o que pensa criticamente sobre todo este pensar e corre o risco de pensar também”. E complementa: “nenhum pensador, como nenhum cientista, elaborou seu pensamento ou sistematizou seu saber científico sem ter sido problematizado, desafiado”. E ainda, “ensinar não é transmitir conhecimento, ensinar é segundo Freire, uma especificidade humana” (Freire, 2003, p. 47).

Pensando na educação que queremos, no acadêmico que formamos e em novos caminhos que possibilitem transformações, este artigo busca refletir sobre a formação dos professores do presente, mas pensando no futuro a partir de dados oriundos do trabalho pedagógico formativo desenvolvido com os acadêmicos nas vivências formativas com comunidades e na universidade pelo Programa de Extensão Universitária ITCP/UFPR.

Busca ainda, neste texto fazer uma reflexão formulando algumas inquietudes, mas também algumas apostas inovadoras. O que trataremos aqui não são propriamente conclusões, mas uma proposta de formação no presente, pensando o profissional do futuro na produção de saberes, na sua relação com estudantes de diferentes áreas do conhecimento e áreas sociais. Nesse sentido pergunta-se: *do que estamos falando quando nos referimos a formação do professor para o futuro? Como podemos formar o professor do futuro em um programa de extensão universitária?*

O professor do futuro não está na frente, está na gente

Se a educação trabalha na direção da separação ou fragmentação dos conhecimentos isso se deve ao fato de ela ser orientada por uma tradição disciplinar na qual também são formados os professores. Presos a ela passam-na aos seus alunos. Quem é contrário a ela tem ao menos duas tarefas: a de se modificar e a de modificar a maneira de trabalhar os conhecimentos.

Constantemente fala-se da formação do profissional que temos e aquele que queremos. Raramente fala-se como fazer educação de qualidade com as demandas que temos e as políticas que atendem ou deveriam atender esta demanda. Pelo contrário, amarra o profissional no exercício da profissão com salários que não contemplam em muitos casos o sustento mínimo da família, quiçá, formação continuada. O que vemos hoje é um grande percentual de professores atuando em áreas que não estão formados. Este quadro tem a ver com uma profissão que não é mais valorizada, diferente da que já foi um dia, que está caindo em descrédito (Freitas, 2007).

A profissão de professor, como as demais, emerge de um dado contexto e momento histórico, respondendo a necessidades da sociedade. Assim, algumas profissões desaparecem, enquanto outras surgem. Bem como, algumas não desaparecem, mas se transformam, adquirindo novas características para atender as novas demandas da sociedade. É o caso da profissão do professor. Nesse sentido, de qual perfil de professor estamos falando? Podemos falar de diferentes perfis e dentre este, o que menos aparece, o “bom” professor. Este perfil de professor existe e muitas vezes não aparece porque o foco é para com as fragilidades da educação. Tais fragilidades aparecem na metodologia inadequada, professores despreparados, quadro de professores incompleto, dificuldades encontradas nas escolas brasileiras. Os “bons” professores são aqueles que além de ensinar conteúdos, mediam ações visando a formação humana, consideram o contexto histórico e social que se inserem os educandos, desenvolvem a criticidade, a afetividade, oferecem por meio da pesquisa e extensão universitária atividades extracurriculares que ascendem socialmente sem lhe negar a história (Tardif, 2002). Para Freire (2003, p. 59), este professor deve ser mais que um mediador, deve ter qualidades coerentes com a natureza crítica e política que vão desde a qualidade progressista, humildade, amorosidade, coragem, tolerância, dentre outras.

A educação emancipadora referida por Freire é aquela que busca o professor que é educador, que conhece o universo de quem orienta, que desenvolve autonomia, tem entusiasmo e paixão pela educação, tem bom senso, não discrimina ninguém, é politicamente correto, permite ao aluno desenvolver autonomia, vibra com as conquistas do aluno e auxilia este aluno nas fragilidades, é líder, mas imperfeito, disposto a mudar porque ninguém nasce pronto e acabado. Conta-se com professores que possibilitam aos acadêmicos, vivências que jamais seriam possíveis no curso de referência. Segundo Freitas (2007), diferentes vivências

em diferentes contextos estão voltadas a outras dimensões e deveriam integrar o currículo, uma lacuna que precisamos fechar hoje, não pode esperar o futuro. Por isso, busca-se discutir a complexidade usando como caminho, a extensão universitária.

Morin (2001) entende a complexidade como um tipo de pensamento que não separa, mas une e busca as relações necessárias e interdependentes de todos os aspectos da vida humana. Trata-se de um pensamento que integra os diferentes modos de pensar, opondo-se aos mecanismos reducionistas, simplificadores e disjuntivos. Esse pensamento considera todas as influências recebidas, internas e externas, e ainda enfrenta a incerteza e a contradição, sem deixar de conviver com a solidariedade dos fenômenos existentes. Enfatiza o problema e não a questão que tem uma solução linear. Como o homem, um ser complexo, o pensamento também assim se apresenta (2001, p. 14). Para darmos conta da complexidade das ações é necessário que vejamos em que meio elas nascem, colocam seus problemas, metamorfoseiam-se. De que serviriam todos os conhecimentos se não os confrontássemos uns com os outros, a fim de formar uma configuração capaz de responder às nossas inquietudes e expectativa? O trabalho coletivo e interdisciplinar nas relações humanas e sociais é um dos caminhos apontados por Morin, desde que não somente dentro da universidade, mas também, fora dela.

Um fio condutor que nos ajuda a refletir a educação é a prática educativa reflexiva. Esta prática é segundo Novoa (1995), a mudança na finalidade da educação, passando da busca mercadológica como objetivo educacional para a melhor qualidade do conviver humano, da qual o trabalho é decorrência, criação e não fim. Na lógica de Maturana (1990), a formação humana e reflexiva do profissional da educação uma vez compreendida deixa de ser uma seqüência de atos estanques, sem significados por si mesmos, e passa a ser uma ação contínua, durante toda a vida, o que requer pensar os tempos/espacos pedagógicos. Dentre os espaços pedagógicos, citamos neste estudo a extensão universitária.

Fazer extensão universitária é ampliar a formação, aprofundar a teoria e a prática por meio de ações no tempo e nos espaços pedagógicos. A formação continuada não necessariamente precisa acontecer na universidade e não necessariamente com professores doutores. O conhecimento e a prática social perpassam a academia no âmbito plural e também temporal, uma vez que é adquirido no contexto de uma história de vida e de uma carreira profissional e isso significa que nos ofícios e profissões não existe conhecimento sem reconhecimento social. (Tardif, 2002, p. 13).

Os professores, no geral, ao ministrarem suas disciplinas nas universidades, acreditam que estão transmitindo *conhecimentos*. Entretanto, destaca Morin (2002b), não se ensina *o que é conhecimento*. Nesse sentido, é fundamental situar historicamente o conhecimento, como algo que não é absoluto, único. O conhecimento é algo que deve ser questionado sempre, pois se trata de uma versão, de um recorte da realidade, uma tradução, passível de erros e ilusões por ser, como tal, fruto de reconstruções.

Para o professor que atua na docência, a luta por uma educação de qualidade, melhores salários e espaços de trabalho que possibilitem a interdisciplinaridade não é recente. Passam as horas, vão se os sonhos vêm às angústias e todos os dias, o exercício em pauta é renovar sonhos, como um combustível que alavanca apontando uma nova direção. O professor está desmotivado, desacreditado, não sabe mais o que é essencial para a educação. Temos um conjunto de ações e, no entanto, faltam professores que dão conta.

Nestes últimos anos houve oferta significativa de bolsas de estudo nas modalidades graduação, pós-graduação e pós-doutorado, dentro e fora do país, por diferentes fomentos. Embora haja uma forte crítica sobre a cultura do bolsismo no Brasil, as raras oportunidades de formação continuada ou aperfeiçoamentos são por meio da oferta de bolsas, mas as oportunidades não são para todas as áreas e por isso, temos uma significativa desigualdade. Bem como, mais de 65 mil professores atuando sem formação adequada (Freitas, 2007).

Com isso a extensão vem para contribuir na formação dos futuros profissionais independente da área de atuação o que nos leva a postular sobre a missão de aprender e ensinar que como refere Morin (2002b), o aprender a religar e a problematizar. Religar nos permite dentre outros, refletir e tentar integrar nosso saber na prática e na vida. Como não estamos certos de ter êxito nas práticas cotidianas, enfrentamos desafios. Dentre os desafios, os conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade que quando apropriados contribuem para a formação de novas gerações. Entretanto, a interdisciplinaridade e a prática destes conhecimentos permitem o aluno refletir pela complexidade, permite que o aluno conheça, de forma crítica, as diferentes realidades sociais e que, a partir deste conhecimento, haja a promoção do desenvolvimento individual.

O verdadeiro desafio de quem está desenhando um processo de aprendizado é preparar os seus alunos para um mundo que não podemos ainda imaginar como será, mas com

possibilidades de mudança. Conhecer novas realidades sociais e provocar mudanças é uma das apostas inovadoras na metodologia abordada no trabalho da ITCP.

Apostas inovadoras: o trabalho na ITCP e na extensão universitária

A Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) é um programa de extensão universitária da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Constituída em junho de 1998 e orientada pelo Plano Nacional de Extensão, que reafirma a “Extensão Universitária como processo acadêmico definido e efetivado em função das exigências da realidade, além de indispensável na formação do estudante, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade” (FORPROEX, 2012, p. 05). Extensão indica a ação de estender algo. Nesta concepção, quem estende, estende alguma coisa a ou até alguém. No caso dos extensionistas da ITCP significa exercer profissionalmente uma ação que se dá em certa realidade. Não significa estender suas mãos, mas seu conhecimento, uma vez que se sua mão desce diretamente sobre o fenômeno, objeto ou desafio, sem considerar a presença humana, o conceito de extensão aplicado a sua ação não teria sentido.

O trabalho da ITCP/UFPR com comunidades atende o arcabouço teórico e metodológico (i) da indissociabilidade do ensino-pesquisa-extensão e; (ii) com as bases conceituais primeiras da Economia Solidária do Desenvolvimento Regional e com as Tecnologias Sociais. As discussões são incorporadas na condução das ações da ITCP/UFPR “para as pessoas” e “com as pessoas”, cujo objetivo final é o “Bem-Viver” do ser humano (Smith, Max-Neef, 2011) e, ainda, a troca de informações e as parcerias. Neste processo, um dos objetivos deste programa de extensão é fazer com que acadêmicos de diferentes cursos de graduação e pós-graduação da UFPR atuem juntos, discutindo a complexidade da formação ao aliar teoria e prática e, socializando conhecimentos interdisciplinares entre o grupo e suas respectivas áreas de formação e nas demandas surgidas nas visitas às comunidades atendidas. Quando o trabalho da ITCP é com os estudantes considera-se o tripé (ensino-pesquisa-extensão) com enfoque na extensão, deixando o ensino para a universidade uma vez que a pesquisa é um dos produtos resultantes das vivências.

Provocar mudanças e mudar realidades representa um formidável desafio a todo ensino e ao professor que vão enfrentar o mundo, articular, religar, contextualizar, situar-se num contexto e, se possível, globalizar, reunir os conhecimentos que adquiriram. Sobre isso, formar

o professor do presente com o olhar no profissional do futuro tem sido uma das propostas de educação da ITCP. Para o futuro não basta ser professor, mas pesquisador, aquele que na sala de aula considera o cotidiano do contexto escolar, das dificuldades de aprendizagem, violências, questões que envolvem a família, a comunidade e a sociedade. As questões que envolvem estas dimensões são enriquecidas pelas problemáticas de pesquisa que oportuniza reflexões, problematizações, soluções por temáticas distintas que contribuem com conhecimentos e com a aprendizagem do aluno. A pesquisa interdisciplinar oportuniza ainda, diálogo entre as distintas áreas do conhecimento ultrapassando-as, em uma busca contínua pelo imprevisível, inesperado e desconhecido.

Os acadêmicos envolvidos no programa têm contato com diferentes áreas do conhecimento e, portanto, com o desconhecido. Este contato se dá com a teoria na universidade e em casa, deixando para ampliar a compreensão e a discussão no trabalho na extensão resultando em um aprendizado mais profundo. O contato com a atividade prática, experiência com diferentes contextos externos a universidade e investigação está próximo do modelo americano de aula invertida ou reinversão da sala de aula invertida, em inglês, “flip the flipped classroom” desenvolvido pela Fundação Lemann Center na Stanford University (EUA). Este modelo de aula permite ao acadêmico trabalhar o conteúdo em sala de aula, rever como tarefa em casa e retomar a discussão no encontro seguinte e também, na extensão, seja com o professor, seja com o coletivo, desde que, desta discussão e reflexão possam concluir ações que venham ao encontro das necessidades do(s) outro (s).

O trabalho desenvolvido na ITCP segue a linha de pensamento de Morin (2001) ao referir a complexidade como proposta de educação emancipadora que favorece a reflexão do cotidiano, o questionamento e a transformação social. Com o olhar na transformação, convida comunidades com baixo índice de desenvolvimento social e econômico provocando a partir de amplo diálogo e visitas periódicas, mudanças. Nesse sentido, segue a ética, a outra linha de pensamento de Morin que considera a cultura espacial e temporal na qual a comunidade está inserida. Nessa direção, respeita-se na comunidade os aspectos individuais, sociais e de espécie presentes na condição humana que fazem o indivíduo desenvolver conjuntamente sua autonomia pessoal, sua participação social e a ética visando um destino comum a todos.

Metodologia

Trata-se de um relato de experiência a partir da visão de três professores que atuam na extensão universitária e na orientação de 18 acadêmicos de distintas áreas do conhecimento, bolsistas extensionistas do programa ITCP. A metodologia inclui encontros formativos semanalmente na ITCP/ UFPR, nos quais a equipe discute, planeja, avalia e reavalia temas transdisciplinares comuns aos projetos desenvolvidos pela incubadora, envolvendo não só as disciplinas, mas também as impressões e informações levantadas em visitas frequentes nas comunidades atendidas. Essa formação acontece com o intuito de preparar os estudantes para a profissão, a competitividade do mercado de trabalho, as relações pessoais e sociais e também, preparar a equipe para períodos mais longos nas comunidades, entendidos como vivências. As diferentes tecnologias educacionais aplicadas no programa de extensão da ITCP ajudam a oferecer melhores oportunidades de aprendizado aos acadêmicos. O que precisa ficar claro é como esse trabalho é realizado e como as demandas surgem. Na ITCP, a formação teórica e prática implicam dialogar entre o conhecer, o refletir e a práxis, cujo resultado é ouvir as percepções dos estudantes sobre a comunidade visitada, a própria atuação, ouvir a comunidade e a partir das impressões rediscutirem coletivamente e orientar para o saber fazer.

Discussão

O trabalho desenvolvido com a equipe de bolsistas extensionistas é próximo às propostas de formação de professores reflexivos e pesquisadores, e têm em comum a idéia de que a transformação da prática docente requer a ampliação da consciência sobre a própria prática. Isso se dá pela reflexão na ação, reflexão sobre o que faz, sobre as decisões que toma (Alarcão, 2001). Em paralelo, e sem descartar a reflexividade, desenvolve-se a temática de se conceber a formação dos bolsistas e futuros profissionais a partir das demandas da prática, considerando essa prática como uma situação concreta, em "contextos sociais e institucionais" em que ocorre o ensino (Pimenta, 1998). Ressalta-se aí o papel da pesquisa no ensino, instrumento da prática profissional do professor e forma pela qual o professor pode pensar sua prática, produzir conhecimento que leve ao aprimoramento do seu trabalho e de quem orienta. Pensando nessa direção, respeitam-se na comunidade os aspectos individuais, sociais e de espécie presentes na condição humana que fazem o indivíduo desenvolver conjuntamente sua

autonomia pessoal, sua participação social e a ética, já que temos todos, destino comum. Essa integração entre a comunidade e a Universidade passa por uma mudança de pensamento complexa que segundo Morin (2000b), não acontece de imediato; ambos são objetos da ação e agentes de mudança; ambos transformam o meio e são transformados por ele. A transformação acontece não só com os bolsistas e a comunidade atendida, mas com os professores. Enquanto os bolsistas aprendem novos conhecimentos e técnicas, os professores se reciclam, a comunidade atendida se transforma e juntos, escrevemos a cada ano, uma nova história. E mais, observou-se que a formação envolvendo concomitantemente teoria e prática tem um efeito melhor no aprendizado.

Nesse sentido, o programa tem avaliado a atuação de cada bolsista e defendido que a oportunidade de aprender sobre diferentes temáticas e interagir com estudantes de distintas áreas do conhecimento juntas tem contribuído para ampliar não somente o conhecimento, mas as relações humanas. E ainda, os estudantes são oportunizados a por a mão na massa e, explorar um problema permitindo a estes alunos aprender juntos fazendo uma mesma tarefa e, ainda, como contribuir em uma tarefa que nada tem a ver com o seu curso de atuação. Sobre esta colocação damos como exemplo: uma pedagoga ajudando em uma tarefa da medicina veterinária. É além de um desafio, um grande ganho. O nosso atual modelo de educação não permite momentos como este, é incapaz de perceber as relações existentes entre os conhecimentos, é incapaz como refere Morin (2001) de conceber e contemplar, em seu currículo e sua didática, o ser humano como um todo indiviso. Tanto nas universidades como nas escolas tudo é fragmentado, cada coisa no seu tempo e lugar. No seu lugar está o fazer do professor, a estrutura das salas de aula, os corredores e pátios.

Na extensão e com a ITCP, eles aprendem com as experiências e a investigação que a resolução de problemas não é apenas tarefas a serem realizadas, mas mecanismos de aprendizado poderosos que melhoram a sua performance, as relações pessoais e a qualificação profissional. Apresentar informação para as pessoas não é ensinar. O aprendizado é entender esse conteúdo em sessões interativas, interdisciplinares e ricas de aprendizagem. Para a função de docente, o perfil aqui entendido é de um professor reflexivo e pesquisador aberto a novos conhecimentos, tecnologias, ético, pronto para aprender constantemente. Um professor que considera os diferentes contextos e sujeitos, assim, a proposta de educação na extensão universitária registra apostas inovadoras e conquista novos rumos.

Considerações finais

As experiências vivenciadas pelos bolsistas nas ações formativas, nas interações com as diferentes áreas do conhecimento e cursos universitários, além de integrar conhecimentos facilita o aprendizado, amplia o conhecimento, as relações humanas e possibilita uma formação diferenciada. O conhecimento integrado e repensado a partir das experiências associadas ao mundo real é levado à refletir sobre a futura profissão, e esta pode redesenhar o profissional que irá atuar com as próximas gerações acadêmicas. Acredita-se que ao integrar os conhecimentos o acadêmico aprende colaborativamente enriquecendo e complementando o seu aprendizado, o currículo com tecnologias sociais inovadoras para que com estas, tanto no presente como futuramente, possa desenvolver mais que a função técnica e ou a docente, bem como, a transformação social de quem atende.

A Extensão Universitária proporciona momentos extremamente importantes para o aluno, consolidando o fazer acadêmico, social e articulador da Universidade. Entretanto, um grande ganho se dá pelas práticas sociais através do próprio fazer extensionista e das vivências com as comunidades atendidas. A ITCP/UFPR tem sido um importante veículo de transformação social tanto para com o acadêmico quanto para com comunidades.

Por fim, tem-se observado ao longo dos anos histórias de sucessos de acadêmicos bolsistas que ao concluir a graduação rapidamente se inseriram no mercado de trabalho, e um dos diferenciais é a experiência vivida durante o curso com diferentes realidades sociais. Para a ITCP, o profissional do presente será mais eficiente no futuro quando buscar em si próprio a motivação para a mudança, para a diferença. Nesse sentido, cabe aos docentes e a universidade rever as metodologias de ensino direcionando a formação do futuro profissional para além da teoria e da prática, mas voltada para as relações humanas, afetivas, investigativas e inovadoras. Paralelamente, a extensão universitária cumpre o seu papel científico investigativo, os acadêmicos adquirem conhecimento e experiência e a Universidade cumpre o seu papel social.

Referências

- Alarcão, I. (Org.) (2001). A escola reflexiva e a nova racionalidade. Porto Alegre: Artmed.
- Becker, F. (2006). Educação e construção do conhecimento. 2. ed. Porto Alegre: Artmed.

Facci, M.G. D. (2004). Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor? Um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana. Campinas: Autores Associados.

FORPROEX. (2012). Extensão Universitária: organização e sistematização / Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras; organização: Edison José Corrêa. Coordenação Nacional do FORPROEX. Belo Horizonte: Coopmed, 2007. Disponível América Latina. Buenos Aires: Editorial Miño y Dávila.

Freire, P. (1993). Extensão ou comunicação? 8ª Edição. Coleção o MUNDO, HOJE, Vol. 24. Rio de Janeiro. Paz e Terra.

Freire, P. (2003). Pedagogia da Autonomia - saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra.

Freitas, M. H. C. (2007). A (nova) política de formação de professores: a prioridade postergada. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1203-1230, out.

LEMANN CENTER. Disponível em <https://lemanncenter.stanford.edu/pt/professores>. Acessado em 07/2014.

Maturana, H. (1990). O que é ensinar?...quem é o professor? Chile.

Morin, E. (2001). A religação dos saberes: o desafio do Século XXI. Trad. Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

_____ (2002b). A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad.: Eloá Jacobina. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Nóvoa, A. (1995). Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Coord.) Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote.

Piaget, J. (1988). Para onde vai a educação? 10ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

Pimenta, S. G. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA., S. G. & GHEDIN, E. (orgs.). Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002. p. 17-52.

Smith, B. P. ; Max-Neef, M. (2011). Economics Unmasked: From Power and Greed to Compassion and the Common Good, UK: Green Books.

Tardif, M. (2002). Saberes docentes e formação profissional. Tradução de Francisco Pereira. Petrópolis: Vozes.

